Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Nossa língua portuguesa

Histórico Grupo Escolar Lourenço Franco Oliveira, onde gerações de alunos tiveram os primeiros contatos com a língua portuguesa e a formação escolar em Serra Negra | Arquivo de Nestor Leme

A língua oficial falada em nosso país é o português, mas poderia ter sido o tupi-guarani, língua falada pelos primeiros habitantes destas terras e que quase desapareceu, porque os colonizadores proibiram que ela fosse falada. Mesmo assim, a língua dos índios faz parte da nossa cultura, porque as árvores nativas são todas nessa língua, por exemplo: peroba, jequitibá, araeira, ariribá, cabreúva. Também são em tupi-guarani os nomes dos animais de nossa fauna, tais como paca, capivara, caititu, saguí, e assim por diante.

Também temos muitas cidades com nomes em tupi aqui na nossa região: Itapira, Jaguariúna, Mogi Mirim, todas na língua nativa, e até Serra Negra era para ser Itiruna. Falamos e escrevemos em português, porém o Brasil é um país estranho em seu linguajar, porque apanhamos na escola para escrevermos e falarmos em português e, no entanto, a maioria dos brasileiros, mesmo sem entender o que fala ou escreve, é metida a saber inglês. Você passa pelas vitrines das lojas e lá está: open, sale, delivery, closed, como se estivéssemos numa rua de Nova Iorque.

O português, na verdade, é uma língua complicada. Acho que em nenhuma das línguas faladas no mundo acontece o que acontece com o português. Temos como exemplo a palavra "pena": como um estrangeiro vai entender que pena pode ser pena de galinha, pena de dó, pena de escrever, assim como pode ser a pena imposta por um magistrado a um condenado? Imaginem como isso é difícil para quem quer entender o que falamos, pois na língua falada de onde ele veio não existem essas coisas.

No conjunto formado de porta e batente, para porta falamos "a porta", como se porta fosse do feminino, e para o batente falamos "o batente", como se este fosse masculino. Aí vem um alemão e, como ele não entende essas coisas da nossa língua, coloca os dois no masculino e fala "o batente" e "o porta", e nós achamos engraçado ele falar "o porta".

Na verdade, o português é uma língua complicada até para nós, brasileiros. É só lembrar que, nos vestibulares, a maioria das reprovações dos alunos acontece na redação. Nos quatro anos que estudei no Lourenço, sabia um pouco de história, geografia e mais ou menos de matemática, porém, nas aulas de português, vivia levando bronca das professoras. E não era só comigo que isso acontecia, mas com a maioria dos alunos, pois poucos sabiam escrever corretamente o que falavam ou ouviam nos ditados.

Trabalhei em muitos serviços onde escrever não era necessário. Também não gostava de escrever cartas, nem as listas de compras pedidas pela Alice, e assim foi, até que entrei nessa de escrever para os jornais. No início, como não tinha computador, era tudo manuscrito. Devo confessar que, muitas vezes, precisei recorrer ao dicionário para saber como eram escritas algumas palavras, e quantas vezes precisei descartar o escrito por causa de erros em português e começar tudo novamente.

E assim é: o povão sabe de tudo, mas quando você lê o que eles escrevem nas respostas ou nos comentários das postagens do Facebook, ou nas mensagens do WhatsApp, você pensa que a maioria deles fugiu da escola.

E, enquanto estava escrevendo este artigo, lembrei-me de uma passagem: estávamos numa aula de português com a severa professora Dona Ana Pinto, e nós, alunos, tínhamos de responder terminações em "ão" e "oa", do masculino para o feminino. Um aluno começou e disse: leitão – leitoa; outro, patrão – patroa; mais um, leão – leoa. E assim foi até chegar no Cidão do Abílio, já com uns 15 anos e ainda no segundo ano de estudo. Este pensou e soltou esta: pão – broa.

De imediato, a professora brava lhe falou:

— E quem lhe ensinou que broa é o feminino de pão?

No que o Cidão respondeu:

— Uê, dona, pensei que fosse.

104.5 fm
SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Você já se olhou no espelho?

Constantemente encontramos pessoas que não sabem o seu valor, se sentem menos que outros, e sua autoestima fica lá no fundão do poço. É isso mesmo! Quanta gente maravilhosa, homens e mulheres bonitos, por exemplo, que não conseguem se enxergar como deveriam.

Há um texto escrito por volta de 1800 que diz: "Se te comparas aos outros, podes sentir-se vaidoso ou amargo". Isso é natural. Mas por que ficar se comparando a alguém? Temos que ser nós mesmos, buscar o nosso valor. Melhor dizendo, enxergar esse valor. Essa comparação destrói a autoestima de qualquer um. Se na época que foi escrito o texto "Desiderata" essa sensação já acontecia, imagine hoje, com as redes sociais e suas vitrines de vidas perfeitas todos os dias nos provocando. Poucos são aqueles que publicam alguma desgraça. Em geral, a publicação é de viagens fantásticas, casamentos e festas maravilhosas, roupas caras, carros, casas, pessoas lindíssimas, e essa comparação acaba por destruir a autoestima de quem não tem tudo isso.

Mais de uma vez tive que dizer a algum namorado ou à alguma amiga que eles são pessoas bonitas e valorosas, pois se achavam feios e menos que os outros. Mesmo pessoas que sempre tiveram tudo, tanto homens como mulheres, quase sempre perfeitos, corpo perfeito, rosto bonito, algumas vezes até com bom trabalho, invejam a condição de outrem e sempre pensam que os outros são melhores que eles. Quando isso pode ter acontecido? Críticas na infância, pais frios, professores duros, relacionamentos que diminuem, frases que viraram cicatrizes como: "Você não serve", "Você não é capaz", "Você nunca vai ser como fulano".

No mundo, sempre vai existir pessoas que têm mais ou que têm menos que nós, em qualquer sistema de governo, religião ou tribo. Essas pessoas que se sentem menos, acabam por se conformar com pouco e se sentem rejeitadas sempre, mesmo que seja apenas coisa da sua cabeça. A beleza e os valores não estão apenas na estética: elas são encontradas também na bondade, na inteligência, na atenção, no caráter, na dedicação, na postura, na alma de cada um que emite uma luz especial.

Muita gente precisa se reconstruir e conseguir se enxergar no espelho novamente, com um novo olhar: mais seguro e mais verdadeiro de si mesmo. Reaprender a se olhar com carinho, não sentindo culpa, não tendo medo de existir e, principalmente, entendendo que não precisa ser mais, só precisa ser quem é. Essas pessoas lindas que não se enxergam, nunca conseguiram se olhar no espelho certo. Tente olhar-se novamente no espelho do amor-próprio com carinho e um novo pensamento: "Eu tenho valor".

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Funiculì, Funiculà no Jaçanã: Entre livros, trens e saudades

Minha esposa acaba de retornar de São Paulo trazendo duas grandes caixas que, para um bibliófilo inveterado, são o equivalente ao baú do tesouro: o primeiro lote de livros enviado pelo governo estadual para a nossa biblioteca aqui na ReArte. São cerca de cem exemplares que fiz questão de folhear um a um. Mas, como nem tudo são flores, ao mesmo tempo em que me maravilhava com o cheiro de papel novo, já batia aquele desespero técnico ao pensar na trabalheira que será catalogar cada um desses dados no rigoroso padrão bibliográfico... Ossos do ofício!

Entre romances e técnicos, um livro saltou aos olhos: uma obra sobre a imigração italiana. Para quem vive em nossa região, é impossível não se sentir parte daquelas páginas. E, claro, lá estavam elas: as fotos das antigas locomotivas da Mogiana, soltando fumaça e transportando sonhos (e café). Para variar, minha mente não aguentou o presente e viajou. Pairou sobre uma pauta que eu ainda não havia detalhado aqui: a história de uma composição minha chamada "Se Demoro Aqui, Não Chego Lá". Ela é, na verdade, uma ponte musical que construí entre o Vesúvio e o Jaçanã.

Tudo começou com a clássica "Funiculì, Funiculà". Muita gente acha que ela é uma canção folclórica ancestral, mas a verdade é mais prosaica: foi uma música "propaganda" composta em 1880 para celebrar a inauguração do primeiro funicular (aquele bondinho puxado por cabos) no Monte Vesúvio. Foi um sucesso tão estrondoso que até Richard Strauss a "surrupiou" achando que era de domínio público na época (e levou um processo por isso!).

Pois bem, inspirado pela interpretação icônica do Pavarotti, percebi que aqui no Brasil a gente não tem muito o hábito de andar de funicular, mas temos uma paixão visceral por trens. Então, decidi "abrasileirar" a jornada. Transformei a subida ao vulcão na urgência do trabalhador brasileiro. Mas para a receita ficar completa, eu precisava de um tempero paulistano. Foi aí que prestei minha homenagem a Adoniran Barbosa. Se em Nápoles o coração canta para a "Nanniné" (Aninha), em São Paulo ele bate forte pelo "Trem das Onze". O curioso é que Adoniran, o mestre do sotaque ítalo-paulistano, nunca morou no Jaçanã; ele escolheu o bairro porque rimava perfeitamente com "amanhã". Ele era um gênio da "licença poética" e da linguagem do povo. Em "Se Demoro Aqui, Não Chego Lá", eu fundo a alegria vibrante napolitana com a nostalgia do nosso samba. Se no original italiano o refrão convida a subir a montanha, na minha versão a luta é para achar um lugar para sentar e não perder o último trem, porque, como bem disse Adoniran, "minha mãe não dorme enquanto eu não chegar".

É fascinante como a música e a literatura conseguem encurtar as distâncias. Um livro de imigração vindo de São Paulo me faz ouvir o apito da Mogiana e, em segundos, estou cantarolando uma melodia que nasceu na Itália há 145 anos, mas que agora fala com o nosso sotaque.

Nossa biblioteca na ReArte está ganhando corpo e alma. E para quem tiver "bons ouvidos", convido a usar o celular no QRCode da ilustração deste artigo: ouça esta e outras músicas que criei para a nossa terra. Afinal, se a gente demora aqui no presente sem olhar para o passado, acaba não chegando lá no futuro que queremos construir.

Funiculì, Funiculà no Jaçanã Entre livros, trens e saudades | Ilustração: Henrique Vieira Filho

Por Henrique Vieira Filho

Funiculì, Funiculà no Jaçanã: Entre livros, trens e saudades

Minha esposa acaba de retornar de São Paulo trazendo duas grandes caixas que, para um bibliófilo inveterado, são o equivalente ao baú do tesouro: o primeiro lote de livros enviado pelo governo estadual para a nossa biblioteca aqui na ReArte. São cerca de cem exemplares que fiz questão de folhear um a um. Mas, como nem tudo são flores, ao mesmo tempo em que me maravilhava com o cheiro de papel novo, já batia aquele desespero técnico ao pensar na trabalheira que será catalogar cada um desses dados no rigoroso padrão bibliográfico... Ossos do ofício!

Entre romances e técnicos, um livro saltou aos olhos: uma obra sobre a imigração italiana. Para quem vive em nossa região, é impossível não se sentir parte daquelas páginas. E, claro, lá estavam elas: as fotos das antigas locomotivas da Mogiana, soltando fumaça e transportando sonhos (e café). Para variar, minha mente não aguentou o presente e viajou. Pairou sobre uma pauta que eu ainda não havia detalhado aqui: a história de uma composição minha chamada "Se Demoro Aqui, Não Chego Lá". Ela é, na verdade, uma ponte musical que construí entre o Vesúvio e o Jaçanã.

Tudo começou com a clássica "Funiculì, Funiculà". Muita gente acha que ela é uma canção folclórica ancestral, mas a verdade é mais prosaica: foi uma música "propaganda" composta em 1880 para celebrar a inauguração do primeiro funicular (aquele bondinho puxado por cabos) no Monte Vesúvio. Foi um sucesso tão estrondoso que até Richard Strauss a "surrupiou" achando que era de domínio público na época (e levou um processo por isso!).

Pois bem, inspirado pela interpretação icônica do Pavarotti, percebi que aqui no Brasil a gente não tem muito o hábito de andar de funicular, mas temos uma paixão visceral por trens. Então, decidi "abrasileirar" a jornada. Transformei a subida ao vulcão na urgência do trabalhador brasileiro. Mas para a receita ficar completa, eu precisava de um tempero paulistano. Foi aí que prestei minha homenagem a Adoniran Barbosa. Se em Nápoles o coração canta para a "Nanniné" (Aninha), em São Paulo ele bate forte pelo "Trem das Onze". O curioso é que Adoniran, o mestre do sotaque ítalo-paulistano, nunca morou no Jaçanã; ele escolheu o bairro porque rimava perfeitamente com "amanhã". Ele era um gênio da "licença poética" e da linguagem do povo. Em "Se Demoro Aqui, Não Chego Lá", eu fundo a alegria vibrante napolitana com a nostalgia do nosso samba. Se no original italiano o refrão convida a subir a montanha, na minha versão a luta é para achar um lugar para sentar e não perder o último trem, porque, como bem disse Adoniran, "minha mãe não dorme enquanto eu não chegar".

É fascinante como a música e a literatura conseguem encurtar as distâncias. Um livro de imigração vindo de São Paulo me faz ouvir o apito da Mogiana e, em segundos, estou cantarolando uma melodia que nasceu na Itália há 145 anos, mas que agora fala com o nosso sotaque.

Nossa biblioteca na ReArte está ganhando corpo e alma. E para quem tiver "bons ouvidos", convido a usar o celular no QRCode da ilustração deste artigo: ouça esta e outras músicas que criei para a nossa terra. Afinal, se a gente demora aqui no presente sem olhar para o passado, acaba não chegando lá no futuro que queremos construir.

Funiculì, Funiculà no Jaçanã Entre livros, trens e saudades | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*